

## **O Jornal dos Sports e sua Trajetória: uma Breve História a partir de seus Cronistas (1931-1958)<sup>1</sup>**

André Alexandre Guimarães Couto<sup>2</sup>

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Rio de Janeiro, RJ

### **Resumo**

O *Jornal dos Sports (JS)* foi um dos principais periódicos esportivos não apenas para o Rio de Janeiro, mas também para o país. Criado em 1931, em um momento de expansão do campo esportivo, procurava delinear uma nova forma de noticiar e publicizar os esportes, seja por meio de suas colunas sociais em torno dos clubes da cidade, seja pela ideia de dar espaços para outros esportes, para além do futebol. Já na década de 1940, tornava-se famoso por suas crônicas que alcançavam um número significativo de colaboradores e autores e que na década seguinte ampliaria ainda mais a atuação destes narradores do cotidiano esportivo. Inclusive, nos anos 1950, podemos perceber um crescimento deste gênero discursivo no *JS* por meio de uma classificação de quatro grandes grupos de cronistas que por lá atuavam com muita regularidade.

**Palavras-chave:** Jornal dos Sports; crônica esportiva; imprensa esportiva.

### **Notas Introdutórias**

O presente trabalho é fruto das pesquisas produzidas em dois projetos de pesquisa (Mestrado e Doutorado em História) sobre o *Jornal dos Sports*. Enquanto o primeiro tratou da discussão em torno do surgimento e da consolidação deste periódico e da própria imprensa esportiva carioca nos anos 1930 e 1940, o segundo procurou investigar os temas e representações sociais e culturais produzidas pelo *JS* por meio das crônicas que lá eram publicadas ao longo da década de 1950.

Desta forma, este artigo visa apresentar de forma panorâmica e geral as principais características deste jornal no período proposto, assim como enfatizar a produção do gênero crônica e de seus respectivos autores que compunham a equipe de narradores do *JS*. Portanto, poderemos discutir se cabe ainda hoje entendermos a figura

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em História (UFPR), Professor e Pesquisador do CEFET/RJ e Pesquisador do SPORT – Laboratório de História do Esporte e do Lazer da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), do NEFS – Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e do NEPESS – Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Esporte e Sociedade da Universidade Federal Fluminense (UFF), email: guimaraescouto@yahoo.com.br.

de Mário Rodrigues Filho (ou simplesmente, Mário Filho) como uma espécie de mito fundador de uma nova forma de produzir crônica esportiva e da própria imprensa especializada como um todo. Para tanto, argumentamos que o *JS* possuía uma diversidade de estilos narrativos e discursivos de seus cronistas/autores e que os mesmos dialogavam de forma inter(subjetiva) seja entre eles, seja com seus leitores. O grau de autonomia destes cronistas diante da linha editorial (dirigida por Mário Filho a partir de 1936) dependia de uma série de fatores a saber: origens sociais e profissionais, tempo de atuação no jornal/empresa, proximidade empregatícia com a direção do jornal, dentre outras questões importantes.

Porém, como adiantamos, precisamos compreender as origens do *JS* para avançarmos posteriormente sobre as crônicas deste periódico.

### **A Administração Bulcão e os primórdios do *JS***

O *JS* foi fundado em 13 de março de 1931 pela iniciativa de dois homens já inseridos no universo do jornalismo carioca. O primeiro era Argemiro Bulcão, jornalista que já dirigia o *Rio Sportivo*, publicação especializada e que era vendido na banca por duas vezes na semana (COUTO, 2011, p. 45).<sup>3</sup> Bulcão propôs sociedade para Ozeás Mota, empresário do setor gráfico e que já era responsável pelas oficinas onde o primeiro era impresso. Cabe lembrar que o nome de Mota não aparecia nos créditos do jornal, o que nos faz pensar sobre a possibilidade da sociedade ter sido realizada do ponto de vista da viabilidade empresarial e não necessariamente do jornal pertencer aos dois (JORNAL DOS SPORTS, 15/03/1931, p.2).<sup>4</sup>

O jornal seguia o padrão dos principais jornais da época do ponto de vista do design gráfico e era confeccionado em preto e branco. Logo depois, adotaria o que seria uma marca registrada do jornal: o papel cor de rosa, copiando uma estratégia de marketing do jornal esportivo francês *L'Auto* (HOLLANDA, 2012, p. 86). Suas primeiras edições tinham cerca de quatro páginas, mas o editorial chamado de “Críticas e Sugestões” era uma marca registrada do *JS*. Bulcão conseguiu inovar no mercado editorial da imprensa carioca, pois tornava o *JS* um diário esportivo, até então inédito na

---

<sup>3</sup> Não há registros sobre o referido periódico nem ao menos indícios de suas edições no rico acervo de periódicos da Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro. Há, todavia, uma menção a um jornal homônimo datado de 1909 (um semanário).

<sup>4</sup> Além do exemplo citado no corpo do texto, não vimos o nome de Ozeás Mota ao longo das edições subsequentes.

cidade do Rio de Janeiro e no Brasil.<sup>5</sup> Cabe informar que se as primeiras décadas do século XX proporcionaram uma série de mudanças tecnológicas e na própria técnica literária (SUSSEKIND, 1987). A sensação e os sentidos vividos de modernidade pautados em novas percepções de cidade mudavam a lógica de produção dos textos literários e complementamos, da própria imprensa. A década de 1930, então, apresentava a continuidade de uma tecnologização para tornar as notícias mais ágeis e dinâmicas para os seus leitores.

Curiosamente, o *JS* proporcionava esta onda moderna por dois vieses significativos para a cultura na cidade: a atuação como veículo de imprensa e como publicizador das práticas esportivas. Sobre este último ponto, a proposta editorial do jornal apresentava uma estrutura de abrir espaços para uma cobertura poliesportiva, apesar da proeminência do futebol nas páginas do mesmo. Todavia, outras modalidades esportivas também eram apuradas como o turfe, o remo, o boxe, o atletismo e a natação, dentre outros. Inclusive sua logomarca era apresentada com as imagens de vários atletas de diversas práticas que se misturavam com as letras garrafais do título do *JS*.

Outra característica marcante desta primeira fase inicial do jornal eram as colunas locais e dos clubes. Como locais, podemos chamar de uma proposta do *JS* em cobrir as práticas esportivas pelos cantos da cidade e adjacências, como as cidades de Niterói, São Gonçalo e a Ilha de Paquetá, por exemplo.<sup>6</sup> Desta forma, o jornal procurava aumentar a amplitude de sua cobertura jornalística, assim como conseguia agradar aos leitores destas localidades, que não eram contemplados pelos demais jornais da grande imprensa da cidade.<sup>7</sup> Em relação às colunas dos clubes, não se tratava apenas de cobrir a vida social e esportiva das principais agremiações da cidade, mas sim dos considerados pequenos também como o Olaria e o São Cristóvão (os chamados clubes de bairros).

O jornal, por conta da legislação que impedia os trabalhadores gráficos de atuarem no domingo, se desculpava junto a seus leitores e informava que preferiria fazer uma cobertura completa às terças-feiras, não circulando, então, às segundas-feiras por

---

<sup>5</sup> Uma das experiências bem sucedidas da imprensa esportiva nesta conjuntura era *A Gazeta Esportiva*, criado em 1928 para ser um suplemento de *A Gazeta*, jornal de Cásper Líbero. Apenas em 1947, o jornal tornava-se autônomo comercialmente e poderia ser adquirido nas bancas como se fosse uma nova publicação.

<sup>6</sup> Colunas como “Os Sports em Nichteroy” não eram assinadas e continham informações sobre os clubes, associações de ligas desta cidade vizinha do Rio de Janeiro.

<sup>7</sup> Pesquisamos, para este período (1931-1950), jornais como *O Globo*, *Jornal do Brasil* e *Correio da Manhã*. Percebemos que no campo esportivo, não tinham a preocupação de cobertura dos subúrbios, muito menos das áreas metropolitanas mais afastadas do Rio de Janeiro.

questões legais.<sup>8</sup> Sua meta era oferecer “(...) um jornal cheio de vibração, trabalhado a capricho, sem sacrificar a amplitude de seu noticiário.” (JORNAL DOS SPORTS, 05/04/1931, p.2). Portanto, era necessário compensar a não publicação das notícias esportivas do domingo na segunda-feira com matérias e imagens que realçassem o caráter dinâmico e emocionante dos esportes. Bulcão, então, ainda no início do jornal/empresa empenharia esforços para que o *JS* se tornasse uma referência na imprensa esportiva carioca. Para tanto, utilizava uma estratégia editorial com base nos exageros das manchetes com base nos resultados dos times cariocas, nos amistosos destes com times estrangeiros ou ainda da seleção nacional brasileira de alguma modalidade.<sup>9</sup>

Desta forma, alimentava um sentimento nacionalista e local ao mesmo tempo, à medida que promovia a valorização dos clubes e equipes nacionais diante de embates internacionais e da força dos times cariocas, que representavam o país e a sua cidade de origem. De acordo com Hollanda,

Apesar de a divisão federalista da Primeira República ter-se exaurido na Era Vargas, o *Jornal dos Sports* procurava arbitrar a forte rivalidade entre os estados do Rio de Janeiro e São Paulo e enfatizava a necessidade de desenvolvimento dos esportes na capital federal. Por outro lado, ainda no plano das rixas, a alteridade com países vizinhos sul-americanos parecia positiva no sentido de despertar e cativar o interesse dos leitores. Junto ao futebol, todas as demais competições internacionais eram fomentadas e amplamente noticiadas, quer fossem no remo, no turfe ou na natação (HOLLANDA, 2012, p. 86-87).

O interesse e a estruturação do esporte na cidade do Rio de Janeiro neste período têm como conjuntura o incentivo do Governo Vargas pelas práticas de disciplinarização e organização do esporte, assim como pela ideia de profissionalização do futebol, o que oficialmente ocorre em 1933. Portanto, o jornal se alinhava com uma política de Estado de enfatizar o sentimento nacional pelos esportes, seja por adesão não necessariamente declarada ao seu leitor, seja pelo receio do que ocorrera logo após a vitória do grupo de Vargas na Revolução de 1930, ou seja, o empastelamento de uma série de empresas de periódicos que faziam coro político à situação do Governo de Washington Luís (LUCA,

---

<sup>8</sup> A lei proibia que os trabalhadores do setor gráfico atuassem das 8h da manhã de domingo às 8h da manhã de segunda-feira.

<sup>9</sup> Como exemplo desta estratégia, temos a manchete da edição nº 2 de 15/03/1931. Em grande destaque, o *JS* anunciava um amistoso de futebol no Rio de Janeiro como “Uruguayos X Cariocas: o grande encontro internacional de hoje, entre o scratch da cidade e o Sud America, na praça de sports de São Januário”. Ver em: JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 15/03/1931, p.1.

2008, p. 166-167). Os anos seguintes seriam caracterizados por uma relação de cerceamento da liberdade de expressão e de subordinação dos meios de comunicação de massa, tendo em vista o aparato de controle social institucionalizado e incrementado pelo Estado Novo (FAUSTO, 1995, p. 375-377). Todavia, o *JS* passara incólume a este processo desde o início do Governo Vargas, o que nos remete ao fato de que as duas administrações no período estudado souberam lidar com a relação com o Estado autoritário daquele momento.

Cabe ressaltar que o jornal neste primeiro momento não tinha ainda grandes cronistas atuando em suas páginas, o que ocorreria na década de 1940, tendo em vista que este período é reconhecido como o aparecimento das crônicas autorais e subjetivas no âmbito esportivo, muito em decorrência da convivência e uma “competição mediada” com o rádio. A narrativa do campo esportivo mudara em função de novas formas de percepção dos jogos, traduzindo na prática por meio de diálogos intersubjetivos entre estes autores/cronistas e entre estes e seus respectivos leitores (COUTO, 2016).

Todavia, o espaço destinado para os editoriais (a coluna “Críticas e Sugestões”), presente desde o primeiro número do jornal apresentava um texto opinativo, que variava entre o debate subjetivo e a visão institucional da empresa como podemos observar no texto (já uma crônica) abaixo:

#### Revivescencia

Os que como nós, de longa data, acompanham o nosso movimento sportivo, relembram cheios de saudades, os tempos idos, o período áureo de nosso foot-ball, ora tão desprestigiado por uma politicalha tão convulsionadora. Em nossa retentiva, ha recordações de partidas empolgantes, disputadas em ambiência de cordialidade perante multidões que se compunham de milhares e milhares de pessoas.

Pugnazes, os jogadores se empenhavam nas contendias sem infringir os preceitos impostos pelo cavalheirismo sportivo.

Era nos saudosos tempos em que os sports estavam prestigiados pela opinião pública, em que a politicalha infrene não os corrompera em que os dirigentes não se acumpliciavam, não se mancommunavam em um compadrio soez, para levar a effeito manejos attentatorios a nossa evolução sportiva. (...)

A tarde linda de domingo evidenciou que nem tudo está perdido.

Flamengo e Fluminense os maiores rivaes do foot-ball carioca, empenharam-se em u prelo de excepcional responsabilidade.

O estádio da rua Guanabara revive em seus grandes e imepercíveis dias. Regorgitou. Milentos espectadores inundaram a bellissima praça de sports, dando-lhe um aspecto impressionante e produzindo uma renda que superou a trinta e seis contos, a maior registrada este

ano. Com um ardor notável os dois quadros pelejaram em busca da victoria, sedentos de triumpho. Luta emocionante, fertil em lances de sensação, mas com um transcurso admirável em um ambiente de inexcedível cordealidade em que superou o cavalheirismo.

Não se assignalou um desentendimento entre os jogadores, um gesto que afeiasse a pugna (...). Jogo em que os disputantes se houveram com modelar correção, profiaram pelo triumpho mas como verdadeiros cavalheiros e, no final, confraternizaram-se, irmanados por um alevantado e nobre espírito sportivo.

A liça entre Flamengo e Fluminense foi uma lição expressiva, veio provar que os nossos sports, ainda podem ser salvos, desde que à sua testa estejam homens cheios de ideal. E sobretudo que os expectadores, querem jogos que sejam espectaculos. (JORNAL DOS SPORTS, 25/06/1935, p. 2).<sup>10</sup>

O *JS* utilizava então um discurso em prol da disciplina, da harmonia e da educação, moldando uma representação de homem moderno. Esta visão valia não somente para os atletas, mas para o público presente não apenas porque seria uma exigência do esporte mas porque a sociedade como um todo deveria ter espetáculos com tal nível de comportamento. É possível verificar que o tom organizativo e disciplinar do período histórico está presente nestas representações criadas pelo jornal, e que há uma forma de manter este espírito cordial e manso com a prática emocionante, viva e empolgante dos esportes.

As principais críticas, no entanto, eram voltadas para os dirigentes esportivos (uma marca do *JS*), mesmo havendo uma relação de proximidade dos colaboradores do jornal com os presidentes de clubes e associações esportivas, movimento que aumenta no período seguinte, já com Mário Filho na direção.

Mesmo tendo em vista que o projeto de Bulcão alcançara sucesso editorial, por motivos dos quais desconhecemos, a empresa fora vendida para o jornalista Mário Filho, que já atuava na cobertura esportiva de *O Globo*.<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Não temos a exata informação de quem escrevia os editoriais no período da administração de Argemiro Bulcão (1931-1936). Devido a sua experiência com o jornalismo esportivo, antes mesmo da criação do *JS*, acreditamos que o mesmo era o responsável por estes textos. De qualquer forma, era a visão institucional do jornal.

<sup>11</sup> Não há fontes específicas que comprovem a venda do *JS* para o Mário Filho com o apoio de três famílias importantes e abastadas da cidade do Rio de Janeiro: as famílias Guinle (ligada ao Fluminense), Padilha (ao Flamengo) e Marinho (proprietária do jornal *O Globo*). Todavia, a ligação de Mário Filho com os dois clubes (que terão ainda mais evidência em sua gestão nas páginas do *JS* e o fato de ser empregado e amigo de Roberto Marinho, nos leva a crer que o jornal só pode ser comprado com este empreendimento pessoal de Mário Filho. Reforçam esta tese as seguintes obras: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do Jornal dos Sports entre 1930 e 1980*. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de e MELO, Victor Andrade de. **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004, p. 108 e CASTRO, Ruy. **O Anjo Pornográfico – A vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 133.

---

### **Mário Filho e o projeto de ampliação dos esportes na cidade**

Mário Filho tinha um projeto bem claro e ao mesmo tempo complexo: a modernidade da cidade passaria necessariamente pela ampliação do campo esportivo e a presença da imprensa deveria não só publicizá-la como interferir diretamente neste processo.

Todavia, chamamos a atenção que este projeto já estava em curso no *JS*, uma vez que percebemos diversas continuidades com gestão anterior, tendo em vista que algumas características do jornal se mantiveram, como a manutenção do corpo de profissionais como Álvaro do Nascimento, Isaías e Everardo Lopes, por exemplos (HOLLANDA, 2012, p. 89). Do ponto de vista do design e das seções do jornal, não ocorreram mudanças significativas, pois o jornal já era impresso em papel cor de rosa, a logomarca fora mantida e o editorial continuava a ser a principal área (inter)subjativa do *JS* (inclusive, continuava a se chamar “Críticas e sugestões”).

Sua atuação em *O Globo* já o tornara conhecido do grande público leitor de esportes, sem falar como já apontamos na relação pessoal com o proprietário deste jornal, Roberto Marinho. Além disso, Mário Filho tinha uma vida social agitada e aparecia em vários eventos (a sua maioria de natureza esportiva), o que rendia imagens não apenas do fato esportivo em si, mas da sua aparição do mesmo. Ou seja, ele aparecia com frequência nas páginas de *O Globo* e *JS* como um próprio representante da imprensa interferindo no campo esportivo, mesmo quando era apenas um convidado (COUTO, 2011, p. 120).

Já no final da década de 1930 é perceptível o aumento das propagandas, principalmente em relação à saúde e ao bem estar do homem. Desta forma, há um crescimento da empresa/jornal, traduzindo-se inclusive no número de páginas (passando para seis páginas nos dias de semana e oito aos domingos). O avanço industrial e urbano promovido no Governo Vargas (1930-1945) aumentava as políticas públicas voltadas para a educação, saúde e para o mundo do trabalho, o que amplia a capacidade produtiva dos jornais dos grandes centros do país, seja como consequência do crescimento da economia do período, como seja como ampliação da capacidade de alinhamento da imprensa pela cobertura da cultura cívica implantada pela política do Estado Novo (PARADA, 2007, p. 35-56).

Outra questão relevante é a possibilidade de consumo do público leitor, pois as décadas de 1930 e 1940 também possibilitam o aumento do poder de compra da



sociedade brasileira, além da ampliação da oferta de novos produtos. No *JS*, há uma clara oferta de produtos da indústria da saúde com oferta de remédios, elixires, cosméticos e afins evidenciando uma preocupação (que já existia nos inícios dos anos 30 mas se amplia bastante no final deste período e na década de 1940) (COUTO, 2011, p. 121-122).

Todavia, a gestão Mário Filho se caracterizaria não apenas pelo avanço empresarial a frente do jornal, mas como autor/cronista também alcançaria sucesso por um estilo peculiar de narrar o esporte: adotava o lirismo e a noção de tempo passado para (re)construir uma história do futebol brasileiro. Inclusive, a ideia de brasilidade era um dos pontos marcantes da trajetória de Mário Filho como cronista do *JS*, passando inclusive pela defesa da raça brasileira como ideário de uma modernidade (FREITAS JR., 2009).<sup>12</sup>

Uma mudança significativa do jornal era a utilização de mais imagens (algumas em movimento dos jogos e eventos esportivos) menos formais e mais dinâmicas nas páginas do *JS*. De acordo com Couto, “(...)Imagem e ação fariam parte de uma relação de valorização dos esportes e as idiossincrasias divulgadas pelo jornal para a sociedade traduziam um tratamento especial dado à primeira.” (COUTO, 2011, p. 125).

O futebol continuaria a dominar a pauta do *JS*, inclusive tornando-o menos poliesportivo do que no início da década de 1930. Podemos interpretar tais dados de duas formas: a primeira é a de que o interesse pelo futebol é ampliado, alastrando-se ainda mais por todos os cantos da cidade e arredores, inclusive com formação de ligas e associações de bairros e de municípios periféricos, o que faz crescer o número de praticantes, interessados, torcedores e, não menos importante, leitores. Porém, os demais esportes continuavam a se desenvolver pela cidade, o que nos faz pensar também que era uma opção da direção do *JS* em privilegiar o futebol em detrimento das demais modalidades.

No universo da organização dos eventos esportivos, Mário Filho se destacaria na promoção e criação de ações que pudessem ser ao mesmo tempo uma experiência esportiva da cidade do Rio de Janeiro, ao mesmo tempo em que se tornava um tema de pauta para os jornalistas do *JS* e dele mesmo, como diretor deste periódico. Um exemplo desta capacidade de intervenção no campo fora o “Concurso de Palpites

---

<sup>12</sup> Importante lembrar a obra principal de Mário Filho: “O Negro no Futebol Brasileiro”, com textos publicados em *O Globo*. Livro considerado mítico do ponto de vista jornalístico ao tentar criar uma história da participação dos negros no futebol nacional.



Autorizados” (JORNAL DOS SPORTS, 6/05/1941).<sup>13</sup> Os leitores retiravam cupons em diversas partes da cidade e em municípios vizinhos (como Teresópolis e Baixada Fluminense) e concorriam a prêmios caso os palpites sobre os jogos do campeonato carioca estivessem corretos (COUTO, 2011, p. 128). Apesar de Mário Filho não ter inovado esta estratégia de intervenção da imprensa em criar eventos e ações de marketing associados ao campo esportivo, foi em sua gestão que estas potencialidades se desenvolveram no *JS* e na imprensa esportiva carioca (HOLLANDA, 2012, p. 89-90).

Na década de 1940, os grandes (e até mesmo médios) clubes de futebol do Rio de Janeiro passam a ter colunas fixas que lidavam com o cotidiano esportivo das agremiações, mas também com seus eventos sociais.<sup>14</sup> Esta fórmula de aproximação com os clubes e com os seus torcedores seria bem aproveitada nas décadas seguintes. Esta lógica se adequava ao estilo de cobertura jornalística que o *JS* desempenhava no dia a dia do futebol carioca, aproximando o leitor dos atletas e dirigentes por meio de entrevistas, fotos, caricaturas, manchetes chamativas que “aumentavam” do jogo (ao criar uma expectativa antes e dar um tratamento prolongado após a partida) e as crônicas.

Portanto, Mário Filho tornava-se um empreendedor bem sucedido no jornalismo esportivo carioca, mas sabia que para manter um jornal/empresa era necessário fidelizar seus leitores com uma série de outros colaboradores. Desta forma, a crônica se desenvolveu nos anos 40 e se consolidara na década de 1950, com uma equipe muito diversa seja do ponto de vista dos estilos narrativos, seja de suas origens sociais e profissionais.

### **O *JS* e seus cronistas na década de 1950**

Os anos 1950 tornaram-se um período fértil para a atuação dos cronistas do *JS*, por uma série de fatores. Podemos destacar, por exemplo, o contato desde a década anterior e agora mais fortemente com o veículo rádio no campo dos esportes. Uma relação que não era necessariamente concorrente, mas complementar. Vários anúncios de programas esportivos das rádios cariocas eram publicados no *JS*. Além disso, muitos

---

<sup>13</sup> Uma espécie de “bolão” como conhecemos hoje.

<sup>14</sup> São exemplos destas colunas: “Carnet do Fluminense” (de Mário Júlio Rodrigues), “O Vasco em Dia” (Álvaro do Nascimento), “Voz do Madureira”, “O Dia do Bonsucesso” (de Isaac Cherman), “O América em Revista” (Luiz Bayer), “O Que vai pelo São Cristóvão” (de Petrônio Rocha), “Diário do Flamengo” (de Pedro Nunes) e “Calendário do Botafogo” (de Menezes Bastos).

cronistas e jornalistas eram comentaristas nestas mesmas rádios.<sup>15</sup> Era mais do que necessário, então, que os cronistas ajustassem seus discursos em prol de um tom que privilegiasse as emoções, os sentimentos e as sensações que os esportes poderiam oferecer. Nesta mesma linha de raciocínio, a estratégia de polemizar e de criar representações culturais sobre a cidade e o esporte possibilitava diálogos (inter)subjetivos entres estes autores e entre os mesmos e seus leitores.

Outro fator importante a se considerar é que o pós-guerra trouxe a realização de eventos esportivos que poderiam ser explorados por toda a imprensa mundial e, no campo esportivo, era preciso criar discursos que fugissem do óbvio, ou seja, da cobertura das partidas e dos jogadores. Neste sentido, a reafirmação da identidade nacional pelos esportes (já criada e explorada anteriormente) era um caminho bem aberto para a atenção dos cronistas por conta das Copas do Mundo na década de 1950 e pela participação do Brasil nos Jogos Olímpicos do mesmo período (COUTO, 2016).

Também vale a pena pensar que se havia nas redações dos principais jornais uma orientação clara para tornar a imprensa o *locus* da objetividade e neutralidade (inclusive com a utilização de manuais de redação), o cronismo de forma geral (e em especial, o esportivo) ia de encontro a este processo, já que caminhava pela trilha do subjetivismo e da exploração de um discurso híbrido, no limite ou na fronteira entre a literatura e o jornalismo.<sup>16</sup>

Neste sentido, a partir da análise de dezenas de cronistas que atuaram no *JS* ao longo da década de 1950, pudemos identificar quatro grupos de autores, já compreendendo que esta é uma opção possível de classificação, dentre outras.

O primeiro grupo era formado por literatos e eruditos que atuavam na área cultural como Manoel Vargas Neto, Antonio Olinto e José Lins do Rego. O primeiro já era um representante da poesia regionalista do Rio Grande do Sul (BRITO, 1968). No *JS* adotara um discurso com muitas representações culturais e com um sentido disciplinador e organizativo. Tornou-se uma dos mais longevos cronistas do jornal e participara ativamente do dirigismo esportivo e político, ocupando cargos como promotor e deputado federal, além de ter sido presidente durante quase dez anos da

---

<sup>15</sup> Era o caso, por exemplo, de Geraldo Romualdo da Silva (que trabalhara na *Rádio Globo*) e de Everardo Lopes (que atuava na *Rádio Mayrink Veiga*).

<sup>16</sup> Sobre as mudanças consideradas modernas na imprensa a partir da década de 1950, ver: BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa**: Brasil – 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 149-173.

Federação Metropolitana de Futebol (FMF), além de membro efetivo do Conselho Nacional de Desportos (CND) e vice-presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB) por oito anos (HOLLANDA, 2012, p. 94-95). Uma das principais características além da forma lírica em que se expressava, podemos identificar a defesa do clubismo. Não necessariamente a do viés do sentimento clubístico por um determinado time, mas a da necessidade da institucionalização e organização do esporte por meio de clubes, associações e agremiações para este fim. O esporte sem esta orientação não seria bem aproveitado e não cumpriria seu papel civilizador e eugênico na visão de Vargas Netto. Já Antonio Olinto atuara como crítico literário e de cinema (inclusive no próprio *JS*). Assumiria uma série de compromissos com ocupações governamentais como, por exemplo, o cargo de Diretor do Serviço de Documentação do Ministério da Viação e Obras Públicas, durante o Governo Café Filho (1954), assim que Getúlio Vargas morrera.

Finalmente, e não menos importante, temos José Lins do Rego, importante romancista regionalista e que integrava o corpo de funcionários do CND (Conselho Nacional dos Desportos), vinculado ao Ministério da Educação e Saúde, na época sob a gestão de Gustavo Capanema (HOLLANDA: 2012, p. 93).<sup>17</sup> Na década de 1950, pertenceu aos quadros da CBD (Confederação Brasileira de Desportos), chegando a presidi-la de forma interina. Adotara uma narrativa apaixonada pelo Flamengo e seus textos eram curtos, mas carregados de uma subjetividade que exploravam os sentimentos e as emoções dos torcedores.

Outro grupo importante no *JS*, o segundo de nossa análise mais geral, era formado por jornalistas e repórteres que já tinham uma determinada experiência na área, como era o caso de Geraldo Romualdo da Silva, que atuara como repórter desde o início do jornal. Também atuara como correspondente internacional desde 1938 (Copa do Mundo da FIFA na França). Seu discurso era bem objetivo, com uma aproximação de uma narrativa mais voltada para o jornalismo exercitado nas grandes redações do que de seus colegas cronistas. Um segundo representante deste grupo é o jornalista Everardo Lopes, que já constava da equipe do *JS* pelo menos desde o dia 4 de outubro de 1931, no cargo de redator subsecretário.<sup>18</sup> Como era comum entre os jornalistas mais

---

<sup>17</sup> De acordo com Hollanda, a indicação ao cargo no CND teria se realizado por intermédio do literato Carlos Drummond de Andrade, conhecido de José Lins e Chefe de Gabinete do Ministro Gustavo Capanema.

<sup>18</sup> Conforme os créditos que apareciam na edição nº 174 do *JS*.

experientes no jornal, que contavam com a confiança de Mário Filho e da família Rodrigues, Lopes acumulou várias funções ao longo de sua trajetória na empresa. Assumira ainda as funções de secretário, administrador de empresa, jornalista, cronista, correspondente internacional e redator chefe. Apesar de não ter uma formação específica na área literária, possuía uma identidade discursiva baseada no hibridismo (próprio do gênero crônica) bem apurado, misturando fatos simples e objetivos com uma linguagem bem popular. Neste grupo destacava-se ainda Mário Júlio Rodrigues, filho de Mário Filho, menos experiente que seus colegas mas que buscava espaço ao comentar o universo do futebol carioca em crônicas. Seus textos eram mais burocráticos, salvo em momentos de euforia nacional como a participação brasileira na Copa do Mundo de futebol, por exemplo. Diferentemente, do primeiro grupo, este tinha um grau de autonomia menor devido à proximidade profissional com a direção do jornal e por conta de suas origens como repórteres.

Para reconhecemos o terceiro grupo de cronistas do *JS*, podemos citar dois de seus principais autores: Álvaro do Nascimento e Thomaz Mazzoni. Todavia, há uma clara diferença entre os dois. O primeiro atuava no jornal e era um dos mais produtivos cronistas do *JS*, pois tinha uma coluna diária durante décadas (desde os anos 40). O segundo era um importante cronista de São Paulo e tornava-se um colaborador do jornal, por convite de Mário Filho. Mazzoni, também conhecido como “Olimpicus”, atuara na imprensa impressa e radiofônica da capital paulista, tendo se destacado em *A Gazeta Esportiva*. No *JS* evitava discutir questões clubísticas ou ainda sobre a rivalidade com os times do Rio de Janeiro. Tinha a pretensão de escrever sobre uma possível memória do futebol brasileiro (o que o aproximava de Mário Filho) e militava em torno da organização nacional do futebol (tendo como base Rio e São Paulo).

Já Álvaro do Nascimento assinava seus textos como “Zé de São Januário” e sua coluna denominava-se “Uma pedrinha na shooteira”, um título que já adiantava a missão deste experiente jornalista (atuara desde 1931, ainda com Bulcão na direção). Sua principal característica era o denunciamento e em suas linhas, podemos visualizar ataques diretos contra os dirigentes esportivos e políticos da cidade do Rio de Janeiro. Por meio de um diálogo intersubjetivo, também disparava suas provocações na direção de seus colegas cronistas de jornal, como José Lins do Rego, Vargas Neto e outros. Era um dos poucos autores que defendiam a cobertura de outros esportes para além do futebol, criticando, inclusive a linha editorial do jornal em que atuara.

Finalmente, mas não menos importante, temos o quarto grupo de cronistas que participavam do *JS*, formada por mulheres que participavam do dia a dia do jornal, em função da atuação de seus maridos no campo esportivo e de seu próprio protagonismo neste universo. Era o caso de Florita Costa, esposa do famoso treinador de futebol, Flávio Costa (com passagens pelo Flamengo, Vasco da Gama e Seleção Brasileira) e que vivenciava o cotidiano social e esportivo do Flamengo. Suas crônicas eram apaixonadas e emotivas do ponto de vista do sentimento clubístico.

Já Inah de Moraes, casada com o jornalista Prudente de Moraes Neto, além de conhecer várias pessoas importantes do círculo social e cultural como Manuel Bandeira e Candido Portinari, também escrevia sobre turfe no jornal popular *O Dia*.<sup>19</sup> Era proprietária de haras em Itaipava (região serrana do Rio de Janeiro) e seu discurso captava uma das características centrais do próprio jornal e de alguns de seus colegas cronistas: o denunciamento, mesmo que invariavelmente escrevesse em defesa própria tendo em vista sua relação com esporte equestre.

### **Considerações Finais**

Vimos de forma muito breve que o *JS* apresentara mais continuidades do que grandes diferenças entre as gestões de Bulcão e Mário Filho. Todavia, apesar de algumas inovações a partir de 1936, podemos perceber que a consolidação das crônicas esportivas foi fundamental para compreender o sucesso editorial do jornal. Em um momento de pleno contato com as emoções e sentimentos que vinham das rádios por meio das narrações e comentários dos jogos, era mais do que necessário que os jornais impressos acompanhassem este ritmo, mesmo porque vários dos cronistas atuavam também em algum veículo radiofônico.

Desta forma, diante de tamanha diversidade de estilos narrativos discursivos há que se refletir se é possível acreditar em uma história do cronismo esportivo carioca e nacional baseada nos feitos de um único homem. O que havia, de fato, era a expansão e o desenvolvimento de um campo da imprensa e que como em qualquer processo de ampliação, as nuances narrativas tornam-se marcas a serem perseguidas pelos seus autores com o propósito de criarem uma identificação inter(subjetiva) de seus textos com os leitores. Um processo de retroaprendizagem, onde a necessidade de cobrir o campo esportivo tornava estes autores como perseguidores de um estilo próprio,

---

<sup>19</sup> Escrevia em ambos os jornais a coluna “Rondó dos Cavalões”, em clara homenagem a seu amigo, Manuel Bandeira, autor da poesia “Rondó dos Cavalinhos”.

alinhado ou não com a direção do jornal. Portanto, Mário Filho soube do ponto de vista gerencial e empresarial montar e manter uma equipe de cronistas/autores que desfilariam suas opiniões por longas décadas, transformando o *JS* um exemplo bem sucedido de imprensa especializada na cidade do Rio de Janeiro e no Brasil.

O *JS*, portanto, conseguia criar uma série de representações culturais sobre os esportes, fugindo da mera cobertura burocrática das partidas, mas aprofundando o olhar sobre a torcida, as mudanças urbanas na cidade, os espaços destinados às práticas esportivas (inclusive em áreas desprestigiadas, como os subúrbios, por exemplo) e, obviamente, sobre os grandes sentimentos nacionais em eventos internacionais. Papel complexo e diverso, mas que era implementado de forma subjetiva, autoral e pessoal pelos cronistas deste jornal.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa: Brasil – 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BIAL, Pedro. **Roberto Marinho**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

BRITO, Mário da Silva. Vargas Neto. *In: Poesia do modernismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

CASTRO, Ruy. **O Anjo Pornográfico – A vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

COUTO, André Alexandre Guimarães. **A hora e a vez dos esportes: a criação do Jornal dos Sports e a consolidação da imprensa esportiva no Rio de Janeiro (1931-1950)**. São Gonçalo: UERJ/FFP, 2011. Dissertação de Mestrado em História Social.

\_\_\_\_\_. **Cronistas Esportivos em Campo: Letras, Imprensa e Cultura no Jornal dos Sports (1950-1958)**. Curitiba: UFRJ, 2016. Tese de Doutorado em História.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1995.

FREITAS JUNIOR, Miguel Archanjo de. **No Meio do Caminho: tensões presentes nas representações sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de 1950**. Curitiba: UFPR, 2009. Tese de Doutorado em História.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de e MELO, Victor Andrade de. **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

JORNAL DOS SPORTS. Várias edições. (1931-1958).

LUCA, Tania Regina de. A Grande Imprensa na Primeira Metade do Século XX. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

PARADA, Maurício. A ordem da memória: a imprensa e o imaginário político do Estado Novo. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart e FERREIRA, Lucia Maria Alves (Orgs.). **Mídia e Memória: a Produção de Sentidos nos Meios de Comunicação**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O Negro no Futebol Brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: FAPERJ/Mauad, 2003.

SUSSEKIND, Flora. **O Cinematógrafo das Letras – Literatura, Técnica e Modernização no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.